

Entrevista com Tapixi da etnia Guajajara

Beatriz Costa, Josiane Tavares e Karen Souza

<karensouzavenancio@gmail.com>

Reportagem feita em 2019 para a disciplina de Geopolítica e Comunicação

Antes mesmo da Constituição de 1988, responsável por trazer novos panoramas e garantir direitos, os povos originários já sofriam com violações. Hoje, o cenário deles ainda permanece delicado. Em um contexto em que as ações governamentais contribuem para morte patrimonial e cultural do povo indígena, somado às questões sobre demarcações de terras que estão sendo cada vez mais ameaçadas e a ausência de apoio social e midiático às manifestações e atos. O movimento indígena se faz presente para reivindicar direitos que não foram constitucionalmente cumpridos.

No dia 6 de maio, foi realizado um evento sobre as “Memórias e Patrimônios Indígenas: Conquistas e Desafios” na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO). O evento contou com uma roda de conversa, o qual foi possível perceber o quão distante somos da vivência, da luta, da real história e realidade que esse povo vive. A forma como o povo indígena nos é apresentada é superficial, às vezes até lúdica demais, não há raiz e memória das diversas etnias que habitam em nosso país. *“Preconceito eu sofro toda hora, racismo toda hora, eu já fiquei calejado”*, relata Tukano, ativista das lutas dos povos indígenas e um dos integrantes da roda de conversa. E ainda acrescenta que *“só quero que o governo brasileiro crie mais condições para os povos indígenas, não é só demarcar terras e largar”*.

Ao final da roda de conversa, havia uma pequena feira indígena na saída do evento. Abordamos a indígena, Tapixi, da etnia Guajajara, que estava produzindo manualmente e vendendo artefatos indígenas. A artista se solidarizou em nos contar um pouco sobre suas vivências e suas opiniões sobre o atual cenário em que os povos indígenas se encontram.

1 - Nos fale um pouco sobre você e seu papel no movimento indígena?

Me chamo Tapixi e sou do Maranhão, de uma cidadezinha pequena que se chama Grajaú, esta cidade tem 160 km de distância da minha aldeia Guajajara. Estou aqui na

luta há 10 anos e volto todo ano para participar do ritual do meu povo. O meu papel no movimento é divulgar a minha cultura através do canto, do artesanato e da pintura corporal. Nos finais de semana, eu costumo ficar no Parque Lage, mas às vezes me chamam para fazer um canto de ritual no Centro da cidade.

2 - Você sofreu ou sofre algum tipo de preconceito? Pode dar exemplo de alguma situação?

Sim, sofro muito preconceito. Estes dias estávamos indo pegar o Uber e o motorista não quis nos levar, pois estávamos pintados, ele alegou que não carrega indígena no carro dele. Nós passamos por muitas coisas assim, só porque estou andando na rua de óculos e usando celular, que eu deixei de ser indígena, a gente merece respeito também! Mas penso que apesar de tanta humilhação, preconceito e racismo, isso não vai me fazer deixar de ser indígena, isso faz eu me levantar mais e divulgar mais ainda a minha cultura.

3 - Como você se posiciona em relação às lutas do movimento indígena?

Estou preocupada, porém não são todos que pensam assim, às vezes nós vamos muito no movimento e acabamos nos machucando. Igual a luta do espaço Maracanã, foi muito pesada! Eu a divulguei, mas não participei. Não vou arriscar a minha vida, sabendo que tenho minha família e meus filhos para criar, porque não vai valer a pena você arriscar sua vida por uma coisa que não está vendo resultados

4 - Atualmente, observamos o movimento indígena com muitas lutas devido ao novo governo. Qual a sua avaliação sobre as propostas atuais do governo de Jair Bolsonaro em relação aos indígenas?

Tenho preocupação com o governo do Bolsonaro, pois as propostas dele para nós indígenas são todas negativas. Muitos indígenas estão sendo assassinados pelos fazendeiros. Hoje, nós como indígenas, não temos nem mais o direito de pescar e nem de caçar, porque os fazendeiros ficam nos perseguindo, isto é preocupante! Os rios estão sendo envenenados e para ele está tudo bem, agora para nós como indígenas as coisas estão complicadas. Nós temos poucos indígenas, mas enquanto estivermos

nessa luta, iremos lutar! Enquanto estivermos vivos, iremos lutar pelos nossos direitos! Sim, iremos perder muitos outros parentes sim, mas não deixaremos de divulgar nossa cultura.

5 - O que você acha que nós, não indígenas, podemos fazer para ajudar vocês?

Peço apoio para lutar juntos com os povos indígenas, porque nós como indígenas não estamos conseguindo ter este poder sozinhos. Se tivesse mais apoio das pessoas, dos estudantes, seria mais fácil para nós.

6 - A pressão do movimento indígena foi central para que o Ministério voltasse atrás na proposta de extinguir a Sesai (Secretaria Especial de Saúde Indígena) e municipalizar as ações de saúde indígena. Como está essa questão hoje e que impactos uma medida como essa poderia ter? A Sesai ajuda, de fato, os indígenas?

Essa é outra questão preocupante, porque se eles cortarem a saúde indígena das aldeias, vai morrer muito mais pessoas que estão chegando em suas idades avançadas. Na minha aldeia, ainda temos um pouco de dificuldade de transporte para atravessar o rio, ainda mais amarrar uma pessoa doente numa rede para atravessar. Se ficarmos sem transporte vai complicar mais ainda. O Bolsonaro deve estar feliz da vida, porque as propostas dele era acabar com os restantes de indígenas e ele está conseguindo. E a Sesai nos ajudam sim, sempre estão ajudando com o transporte, colocando-os nas aldeias, ajudando a transportar as pessoas doentes. Agora, se eles tirarem isso da gente, fica difícil!